



CONFRONTOS ENTRE O RAP E O REPENTE: OS CANTOS DO IMPROVISO

Marinaldo de Souza Silva (Autor)¹

Eliane Gomes da Silva (Co-autor)²

Kelly Sheila Inocência Aires (Orientadora)³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

email:

¹ marcultura273@gmail.com

² elianegbo@gmail.com

³ kellysheilacosta@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo irá apresentar o resultado do trabalho desenvolvido com duas importantes espécies de desafios do canto improvisado que ocorrem no Brasil: o Repente nordestino e o Rap improvisado. Trabalho este, que foi desenvolvido na Disciplina Literatura e Cultura popular, do curso de Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, Polo CG. O objetivo do trabalho é pontuar os elementos identificados por nós que aproximam ou diferenciam essas duas culturas – a nordestina (repente) e a do morro (rap), tendo como ponto de partida uma possível análise comparativa de textos literários que sempre emerge diversas possibilidades de interpretações com sentidos produzidos enquanto linguagem cultural, caracterizadas pelas capacidades de reflexão crítica à ordem social. Os resultados obtidos mostraram a contribuição significativa do repente como gênero lítero-musical em que o autor improvisa em público versos e melodias, assim como o rap estar mais próxima da realidade da manifestação da cultura popular brasileira. A experiência com os dois textos contribuiu no respeito da observação entre os dois cantos do improviso que pode ser entendida como uma forma de classificar pensamentos e ações das populações mais pobres de uma sociedade.

Palavras-chave: Rap improvisado; Repente nordestino; Linguagem cultural.

INTRODUÇÃO

Este trabalho irá confrontar duas importantes espécies de desafios do canto improvisado que ocorrem no Brasil: o Repente e o Rap improvisado. O Repente, gênero lítero-musical em que o autor improvisa em público versos e melodias, é uma manifestação da cultura popular brasileira



(ALVES, 2013). Este se distingue de outros gêneros literários que necessitam de elaboração prévia, artesanal, dos seus criadores, posto que, nele não existe a preocupação com o registro, sendo assim, a voz do poeta o melhor veículo de divulgação (MONTEIRO, 2004). Trata-se de uma manifestação da linguagem falada incorporada a uma melodia que trabalha uma base rítmica receptiva. Trás crônicas dos habitantes de um determinado grupo social (AYALA, S/D). Já o rap, originário do canto falado da África ocidental, foi adaptado à música jamaicana da década de 1950 e influenciado pela cultura negra dos guetos americanos no período pós-guerra (SILVA, 1999). Vale salientar que, a modalidade do rap que daremos atenção é o estilo livre, espécie de poesia oral baseada no desafio e improviso.

O estudo tem como objetivo pontuar os elementos identificados por nós que aproximam ou diferenciam o rap e o repente, bem como as culturas nordestinas e a do morro. A metodologia baseou-se numa análise comparativa entre o repente “Vivo cantando Repente”, de Moacir Laurentino (ML) e Sebastião da Silva (SS) e o rap “Tô ouvindo alguém me chamar” do grupo Racionais MC’s, confrontando-as, mostrando suas partes formais, suas estruturas, suas versificações, os papéis de cada um na comunidade que produz essas manifestações populares e as diferenças entre eles.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante de várias discussões acerca do que seja um rap e o repente de acordo com alguns estudiosos da Literatura e Cultura Popular, podemos propor uma reconstrução da ideia de que o rap é um tipo de comunicação ligada à cultura de massa e passa a ser um tipo de literatura que informa a partir da linguagem mais próxima do cotidiano da periferia.

Já o repente, diz respeito a cantoria nordestina, desenvolvendo-se como uma expressão marginalizada. Em princípio, produzida por indivíduos depreciados pela sociedade, a cantoria acontecia basicamente no meio rural, em sítios, fazendas, e não parecia ‘elegante’ gostar desse gênero, uma vez que era elaborada e direcionada a um grupo minoritário.

Nessa perspectiva, tomaremos para análise a canção “**Tô ouvindo alguém me chamar**”, do grupo Racionais MC’s, tido como rap e o repente “**Vivo cantando repente**”, de Moacir Laurentino (ML) e Sebastião da Silva (SS), tentando fazer uma análise comparativa, confrontando-os, mostrando suas partes formais, suas estruturas, suas versificações, os papéis de cada um na comunidade que produz essas manifestações populares e as diferenças entre eles. Além desses



músicos do rap e desses estudiosos da cultura popular, tomarei como bases teóricas Camila Oliveira Alves com sua Tese de Doutorado intitulada “**Diálogos entre Rap e Repente: Heterogeneidade discursiva e representação da subjetividade na canção**” e o artigo “**Riqueza de pobre**”, de Maria Ignez Novais Ayala, entre outros teóricos para complementar a minha tessitura de meu trabalho.

Nessa perspectiva, **o repente nordestino** sendo um das diversas formas que surgiu da interpretação de canto e poesia a partir da tradição medieval ibérica dos trovadores. Dessa forma, a cantoria de viola, ou repente nordestino também é uma manifestação oriunda das poéticas orais. Segundo Santos (2010), os repentes possuem estruturas e modalidades bastante rígidas, feita muito por meio do improviso. Vejamos o repente a seguir tomado para análise:

1 - VIVO CANTANDO REPENTE

Moacir Laurentino (ML) e Sebastião da Silva (SS)

ML

Eu gosto tanto do xote
e da POESIA DIVINA,
quando eu começo a cantar
sinto que a voz se afina,
penso que nunca adoeço
e que a vida nunca termina.

SS

Cantar é minha doutrina,
foi a opção que fiz,
pra defender a cultura,
e para cantar meu País,
cantar pra viver alegre,
sonhar pra viver feliz.

ML

Alcansei o que mais quis



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

e arranjei conhecimento,
afinando as 7 cordas
tocando o meu instrumento,
eu sinto a marca divina
ligada em meu pensamento.

SS

Já passei por sofrimento,
por tristeza e ameaça,
pelas queixas e as dores
e herança da nossa raça;
porém cantando repente,
todo sofrimento passa.

ML

Comecei cantar pra raça,
numa fase adolescente,
vai fazer 40 anos,
que eu vivo só do repente,
ainda quero cantar mais
uns 10 ou 15 pra frente.

SS

Venho desde inocente
nesse grande labirinto,
passei por muitas torturas,
passei momentos faminto,
porém cantando no pinho,
esqueço as dores que sinto.

ML

Vivo do jeito de Pinto,

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



de improviso e boemia,
criei até 4 filhos
à custa de POESIA,
terminei de criar todos
e hoje DEUS é quem me cria.

Vivo cantando repente, disponível

em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=7118&cat=Cordel>, acesso em 24/09/2016

Sabemos que, existem dois tipos de apresentações da cantoria e de repente. A primeira delas é apresentada a um público ouvinte, em um lugar previamente organizado conhecido como **cantoria de pé-de-parede**; já a segunda forma, trata-se de uma apresentação organizada para festivais, congressos e campeonatos, na qual se costuma promover competições e premiar os vencedores.

No que diz respeito à estrutura poética do repente “**Vivo cantando repente**”, de autoria de Moacir Laurentino e Sebastião da Silva, pude perceber que essa cantoria de viola é formada por 44 estrofes, cujas modalidades utilizadas em todas elas são as sextilhas, ou seja, seis versos com sete sílabas poéticas. Mas, é possível encontrarmos outros tipos de estruturas como a sextilha ou sete pés, o quadrão, o galope, o martelo, etc. Assim sendo, a cantoria de viola é rica em variações e estilos performáticos. Santos (2010) apontam para mais de oitentas variantes ou formas de se estruturar um repente, sendo que apenas cerca de quarenta são executadas atualmente pelos repentistas.

2. A LETRA DE “**TÔ OUVINDO ALGUÉM ME CHAMAR**” narra a trajetória de um jovem de periferia que se envolveu com o crime e foi assassinado. Durante a história, o autor mistura o presente (momento do assassinato) a memórias (sua entrada para a criminalidade), num processo complexo que exige muita atenção para ser desvendado e compreendido:

[...] apavorei, desempenho nota dez
dinheiro na mão, o cofre já tava aberto
o segurança tentou ser mais esperto



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

foi defender o patrimônio do playboy
não vai dar mais pra ser super-herói!

se o seguro vai cobrir
foda-se, e daí ?

o Guina não tinha dó:
se reagir, Bum!, vira pó

sinto a garganta ressecada
e a minha vida escorrer pela escada
mas se eu sair daqui eu vou mudar[...]

Junto a isso, a base (instrumental) conta com trechos de diálogos que remetem a personagens secundários, que fazem parte do dia-a-dia do herói lírico, como seus parceiros de crime ou seus executores.

No começo, a carreira no crime lhe pareceu uma boa alternativa à pobreza, não gostava da escola e a rua o atraía mais, ele conhece Guina, se torna seu professor do crime:

[...] mas sem essa de sermão, mano,

eu também quero ser assim
vida de ladrão não é tão ruim!

Pensei

entrei

no outro assalto eu coleí e pronto

aí!

o Guina deu mó ponto [...]

Durante os primeiros períodos como criminoso ele afirma que está bem melhor que seu irmão, e o desdenha, por escolher uma vida que não o levará a lugar algum, os estudos:

[...] Guina, eu tinha mó admiração, ó

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



Considerava mais do que meu próprio irmão, ó [...]

E segue em seu ataque:

[...] fiz dezessete, tinha que sobreviver
agora eu era um homem, tinha que correr
no mundão você vale o que tem
eu não podia contar com ninguém
cuzão,
fica você com seu sonho de doutor!
quando acordar cê me avisa, morô?
eu e meu irmão era como óleo e água [...]

Segundo Elaine Nunes de Andrade (1999), podemos classificar estas manifestações contrastantes como *Gestalten* (estruturas) sociais, reais ou virtuais (ideias), que ocorrem simultaneamente, às vezes se anulando, às vezes se equilibrando. Ainda de acordo com Andrade (1999), pode-se classificar e enumerar seus tipos e/ou ocorrências:

- 1) uma mentalidade, em particular preferências e aversões afetivas;
- 2) predisposições a condutas e reações;
- 3) tendências a assumir papéis sociais determinados;
- 4) um caráter coletivo;
- 5) um quadro social em que: (a) - os símbolos sociais se manifestam, e (b) - escalas particulares de valores são aceitas ou rejeitadas.

No final, a mensagem se torna clara e direta, e o fundo moral surge, revelando que, o que parecia apologia se trata de alerta:

[...] meu irmão merece ser feliz
deve estar a essa altura
bem perto de fazer a formatura



acho que é direito, advocacia
acho que era isso que ele queria
sinceramente eu me sinto feliz
graças a Deus, não fez o que eu fiz
minha finada mãe, proteja o seu menino
o diabo agora guia o meu destino [...]

Em busca de atenção, compreensão e conseqüentemente conscientização da população para um problema real, os compositores fazem uso de uma linguagem bem específica (chamada, inclusive, de dialeto por eles mesmos). Um bom exemplo, o uso de gírias como marca da identidade e vista muitas vezes, por pessoas não pertencentes ao meio, como uma linguagem de marginais. Contudo, a escolha por esse tipo de linguagem faz com que o indivíduo sintam-se inserido a um grupo, pois esse tipo de fala expressa a vontade, interesse e pretensões de um coletivo. Também os deixa bem próximo de seu público alvo, jovens que, muitas vezes sem acesso a escolas, utilizam a fala para alcançar a cultura passada por gerações.

Segundo Antonio Candido (2000), nos países subdesenvolvidos a literatura erudita está fora do alcance das grandes massas devido ao processo de urbanização que traz consigo o domínio do rádio e da televisão fazendo com que os alfabetizados se desinteressem pela leitura. Por outro lado, o contato com a poesia feita pelos rappers chega a essas pessoas como uma estrutura única, assim, o interesse em desvendar seu significado abre portas para o estudo da literatura.

[...] Uma conversa no café pode transmitir informação, mas o que predomina nesse tipo de conversa é um forte elemento daquilo que os linguistas chamariam de “fático”, uma preocupação com o ato da comunicação em si mesmo. [...] estou assinalando também que considero digna de valor a conversa com você, que o considero uma pessoa com quem vale a pena conversar que não sou anti social. [...] (EAGLETON, 2003: 18)

[...] Não que tenhamos alguma coisa chamada conhecimento fatural que possa ser deformado por interesses e juízos particulares, embora isso seja perfeitamente possível; ocorre, porém, que sem interesses particulares não teríamos nenhum conhecimento, porque não veríamos qualquer utilidade em nos darmos ao trabalho de adquirir tal conhecimento. (Ibidem, p. 19)

O grupo Racionais MC's é formado por Ice Blue, Mano Brown, Edi Rock e KL Jay — os



dois primeiros da zona sul e os dois últimos da zona norte da cidade de São Paulo. Desde o início da formação do grupo, na segunda metade da década de 1980, impressiona pelo conteúdo de suas músicas que retratam, através das letras, o cotidiano das pessoas que moram na periferia de São Paulo, discutindo crime, pobreza, preconceitos social e racial, drogas e consciência política, principalmente da zona sul da cidade.

Rap é o maior veículo de comunicação. Ele faz o que nenhum outro veículo faz: conta a verdade como ela é, e aponta soluções. É direcionado ao povo negro, apesar de muitos brancos ouvirem. Mas em sua essência é uma música negra, para negros. Diante do contexto político, é a nossa história, é a nossa segunda escola, porque a escola conta a história parcial e nós contamos a real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Camila Alves (2013), os desafios através do canto são primordialmente originários da cultura grega, posteriormente alastrando-se pela Europa e na sequência chegou ao Oriente por meio dos árabes. Já Cascudo (2006) se refere à poesia europeia da idade média como reflexo primeiramente da influência árabe, no Brasil a cantoria de improviso surgiu no nordeste, tendo tal região do país sido responsável por grande parte do tráfico escravo, sendo palco na época de quilombos como Palmares. A partir desse dado, entre outros, vê-se a possibilidade do repente, assim como o rap, estar mais próximo de uma origem africana do que europeia (NASCIMENTO, 2003).

Dessa forma, quanto às técnicas de improvisação verbal, o Repente apresenta uma riqueza vertiginosa de esquemas de metros e rimas cuja obediência rigorosa é imprescindível para o reconhecimento da competência do cantador e de sua arte (MONTEIRO, 2002). Nessa perspectiva, em relação às origens, principalmente no repente, nota-se a definição e a fusão de diversas culturas, o que torna inútil tentar especificar ou detalhar sua origem. Segundo Alves (2013) é totalmente pertinente ao contexto, ao mencionar que mais importante do que definir de modo exato como tudo começou, é considerar a onipresença da voz nas mais diversas culturas. Partindo desse princípio, buscar o detalhamento das supostas origens do canto de improviso de desafio parece nulo a medida que tal espécie de produção cultural surge do entrelaçamento de diversas influências.

Assim sendo, podemos dizer que o Repente como canto de improviso é, em geral, uma manifestação da cultura popular, que pode ser entendida como uma forma de classificar



pensamentos e ações das populações mais pobres de uma sociedade é a cultura da classe desfavorecida, que não detém poder. A cultura popular é sempre pensada em relação à erudita, chamada também de alta cultura, associada às classes dominantes. Nesse sentido, o repente passa a ter uma posição de resistência, ainda tem a sua poesia marginalizada, considerada pela alta cultura como rude e grosseira, devido ao fato de não zelar por um nível vocabular erudito, possui uma síntese particular e seus agentes são, na verdade, o próprio povo.

No caso do rap não é nada diferente já que basicamente ele se insere nos espaços urbanos marginalizados, segregados etnicamente e sócio economicamente. As características do rap improvisado de desafio, evidencia o seu caráter de poesia oral, bem como a sua capacidade de construção de uma linguagem poética, depositando na palavra uma força de criação e formação de sentidos.

Nessa perspectiva, a mensagem do poema-canção “**To ouvindo alguém me chamar**”, entretanto não teria a mesma força se estivesse fundada num discurso “externo”, ou seja, de quem não vive a realidade cruel da periferia dos centros urbanos brasileiros, mas chama atenção para problemas existentes como uma forma de protesto e a quem ela chegar se mostrará dessa forma. Autenticidade e legitimidade sustentam a poética forte veiculada pelas letras de rap.

Diante dessas observações, apressadamente poderíamos chegar à conclusão de que a linguagem do rap contribui para aumentar o abismo que separa os que têm dos que não têm acesso à cultura letrada. Contudo podemos enxergar de outra maneira, mesmo não seguindo a norma culta da língua, “desrespeitando” o que se espera do registro escrito na maioria das vezes, é assim que as pessoas da periferia se comunicam.

Podemos concluir que, por meio da linguagem do rap e suas letras vistas como poemas, é possível perceber a intenção de mobilizar e conscientizar a juventude a lutar pelos seus direitos e não entrar no mundo do crime, além disso, tenta combater os abusos da dita burguesia, buscando diminuir a desigualdade social existente no país.

A relação entre o rap e o repente instiga possíveis debates nas diversas atmosferas das cantorias por diversos motivos, principalmente pelo fato desses cantos tornarem-se cada vez mais próximos.



REFERÊNCIAS

ALVES, Camila Cristina de Oliveira. **Diálogos entre rap e repente: heterogeneidade discursiva e representação da subjetividade na canção**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua portuguesa)- Universidade Estadual de Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2013.

ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.). Hip-hop: movimento negro juvenil. In: *Rap e Educação - Rap é Educação*. São Paulo: Summus, 1999, p. 83-91.

AYALA, Maria Ignez Novais. Riqueza de Pobre. In: **Literatura e Sociedade**. Professora da Universidade Federal da Paraíba. pp. 161-169. s/d.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.

CASCUDO, C. A *Literatura Oral no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: Uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUMIER, Jacob J. A *Dialética Sociológica, o Relativismo Científico e o Ceticismo de Sartre: Aspectos Críticos de um debate atual do Século Vinte*, s/d Site: Open FSM. Disponível em: <http://openfsm.net/people/jpgdn37/jpgdn37-home/A-Dialetica-Sociologica- Sartre Gurvitch.pdf>. Acesso em: 24/09/2016.

MARTINS, Rosana. *Rap Nacional e as Práticas Discursivas Identitárias*. Site: Associação Brasileira de Etnomusicologia, s/d. Disponível em: http://www.musicaecultura.ufba.br/Martins-Rap_nacional.pdf Acesso em: 24/09/2016.

MONTEIRO, Ricardo de Castro. **A construção do sentido no Repente: Relações entre as estruturas lingüísticas verbais e musicais no Gênero “Martelo”** (Artigo). In: *Caderno de discussão do centro de pesquisas sociosemióticas*, vol VIII. São Paulo, PUCSP, 2002.

Letra de Música: “To ouvindo alguém me chamar”, disponível em



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

<http://letras.mus.br/racionais-mcs/63438/>. Acesso em 24/09/2016

Repente: "Vivo cantando repente", disponível em:

<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=7118&cat=Cordel>. Acesso em 24/09/2016.

Disponível em

http://www2.ead.ifpb.edu.br/pluginfile.php/15196/mod_resource/content/1/Artigo%20Riqueza%20de%20Pobre%2C%20de%20Igne%20Ayala.pdf. Acesso em 24/09/2016.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br